

Lokis

Prosper Mérimée

Tradução de Adriano Messias



O ursosomem

Adriano Messias

Ilustrações de
Jack Azulita

Blucher

Lokis

Prosper Mérimée

Tradução de Adriano Messias

O ursosomem

Adriano Messias

Ilustrações de
Jack Azulita

Blucher

Lokis / O ursosomem
© 1869 Prosper Mérimée
© 2024 Adriano Messias
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenador editorial Rafael Fulanetti
Coordenador de infantojuvenil Adriano Messias
Coordenação de produção Andressa Lira
Produção editorial Thaís Pereira
Diagramação Frederico Moreira
Capa Frederico Moreira

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho
de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) – Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mérimée, Prosper

Lokis : o ursosomem / Prosper Mérimée ;
tradução de Adriano Messias ; ilustrações de Jack
Azulita. -- São Paulo : Blucher, 2024.

128 p. : il., color.

ISBN 978-85-212-2349-8

1. Literatura infantojuvenil francesa 2.
Literatura fantástica I. Título II. Messias, Adriano
III. Azulita, Jack

24–3414

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil francesa

Lokis

Prosper Mérimée

Tradução de Adriano Messias

Manuscrito do Professor Wittembach	11
Capítulo I	11
Capítulo II	26
“Os três filhos de Boudrys”	33
Capítulo III	39
Capítulo IV	58
Capítulo V	63
Capítulo VI	67
Capítulo VII	73
Capítulo VIII	76

Manuscrito do Professor Wittembach

Capítulo I



– Théodore¹ – disse o professor Wittembach. –, queira dar-me esse caderno encapado em pergaminho na segunda prateleira sobre a escrivaninha. Não, esse não, aquele pequeno *in-oitavo*². É nele que reuni todas as anotações de meu diário de 1866, pelo menos aquelas que dizem respeito ao conde Szémioth.

O professor colocou os óculos e, em meio ao mais profundo silêncio, leu o seguinte: *LOKIS*, e com este provérbio lituano como epígrafe:

*Miszka su Lokiu,
Abu du tokiu.*³

1. Grafei os nomes próprios dos personagens em sua forma francesa, conforme estão no texto de Mérimée.

2. Formato de livro cuja folha, dobrada três vezes, forma um caderno com dezesseis páginas, oito de cada lado.

3. Este provérbio foi ligeiramente alterado pelo próprio autor francês. Deveria ser *Meška su lokiu, abudu tokiu*. *Meška* e *lokys* são nomes diferentes para se designar “urso” em lituano. Literalmente, o provérbio poderia ser traduzido como: “Um urso e um urso são um e o mesmo”. Em melhor tradução, teríamos: “Os dois juntos fazem um par”; “Os dois formam par”. No final da novela, o personagem Professor Wittembach traz ainda uma informação incorreta: *miszka* não é palavra lituana, mas a tradução de *Mishka*, forma familiar em russo para “Michael”, que é como se chama o protagonista da história.

Quando apareceu em Londres a primeira tradução das Santas Escrituras em língua lituana, publiquei, na *Gazeta Científica e Literária* de Koenigsberg, um artigo no qual – sempre fazendo plena justiça aos esforços do douto intérprete e às piedosas intenções da Sociedade Bíblica – quis assinalar alguns ligeiros erros.



Além disso, fiz observar que aquela versão só poderia ser útil para uma parte das populações lituanas. De fato, o dialeto que foi empregado é apenas dificultosamente inteligível pelos habitantes dos distritos em que se fala a língua jomáitica – popularmente chamada *jmuda* – e no palatinado⁴ da Samogícia⁵. É um idioma que se aproxima do sânscrito muito mais do que o alto-lituano. Essa observação, apesar das furibundas críticas que ela me causou por parte de um certo professor bem conhecido da Universidade de Dorpat⁶, esclareceu os honoráveis membros

4. Palatinado geralmente é o nome dado a um território administrado por um conde palatino, representante direto de algum soberano. O termo foi muito usado no âmbito do Sacro Império Romano-Germânico.

5. A Samogícia ou Samogítia é uma região da atual Lituânia, habitada historicamente pelos samogitianos, que falam um dialeto próprio. No brasão, figura um lindo urso sobre um fundo vermelho. As palavras “jomáitico” e “jmuda” são palavras que aportuguesei do francês *jomáitique* e *jmoude*, as quais, por sua vez, são variantes do que foi latinizado como “samogício”.

6. A *Universität Dorpat*, em alemão, é a famosa Universidade de Tartu, a *Tartu Ülikool*, localizada na Estônia e fundada em 1632. É referência mundial para os estudos de semiótica.

do conselho de administração da Sociedade Bíblica, o qual não hesitou em me encaminhar a lisonjeira oferta de dirigir e supervisionar a redação do Evangelho de São Mateus em samogítico. Na época, eu estava muito ocupado com meus estudos sobre as línguas transuralianas⁷ para empreender um trabalho mais longo que compreendesse os quatro Evangelhos. Tendo adiado meu casamento com a senhorita Gertrude Weber, permaneci em Kowno (Caunas⁸) com a intenção de recolher todos os monumentos linguísticos impressos e manuscritos em língua jmuda que eu pudesse encontrar, sem ignorar – fique bem claro – as poesias populares, os *daĩnos*⁹, os contos ou lendas, e os *pasakos*¹⁰, que me forneceriam documentos para um vocabulário jomáitico, trabalho este que deveria necessariamente preceder o da tradução.

Tinham enviado uma carta minha ao jovem conde Michel Szémioth, cujo pai, segundo me asseguraram, havia possuído o famoso *Catechismus samogiticus*¹¹ do padre La-wiński, tão raro que sua própria existência foi contestada,

7. Diz-se das línguas relacionadas à região dos Montes Urais, cordilheira na fronteira russa entre Europa e Ásia. Cabe salientar que a classificação das línguas mudou muito desde a época de Prosper Mérimée.

8. Caunas é a segunda maior cidade da Lituânia, tendo sido a capital antes de Vilnius. Kowno é seu nome em polonês.

9. Termo lituano para poesias e cantigas populares de temáticas variadas, ainda hoje corrente nos países bálticos.

10. Termo lituano para fábulas e relatos maravilhosos e de cunho folclórico.

11. Tudo leva a crer que se trata de uma obra inventada pelo autor da novela.

notadamente pelo professor de Dorpat, ao qual acabo de fazer alusão. Em sua biblioteca se encontrava, segundo informações que me foram passadas, uma velha coleção de *daïnos*, bem como poesias na antiga língua prussiana. Tendo escrito ao conde Szémioth para lhe expor a finalidade de minha visita, recebi dele o mais amável convite para ir passar, em seu castelo de Medintiltas, todo o tempo que minhas pesquisas exigiriam. Ele terminava a carta me dizendo, da maneira mais graciosa possível, que se ufanava em falar jmuda quase tão bem quanto os camponeses, e que estaria feliz de unir seus esforços aos meus para um empreendimento que qualificava de “grande” e interessante. Assim como alguns dos mais ricos proprietários da Lituânia, ele professava a religião evangélica, da qual tenho a honra de ser ministro. Haviam-me prevenido que o conde não era isento de certa esquisitice de caráter, muito hospitaleiro, aliás, amigo das ciências e das artes, e particularmente benevolente para com os que as cultivavam. Então, parti para Medintiltas.

À frente do castelo, fui recebido pelo intendente do conde, que me conduziu imediatamente aos aposentos preparados para me acomodarem.

– O senhor conde – disse-me ele – sente muito por não poder jantar hoje com o senhor professor. Ele está atormentado pela enxaqueca, doença à qual, infelizmente, é um pouco suscetível. Se o senhor professor não quiser ser servido em seu quarto, poderá jantar com o senhor doutor Froeber, médico da senhora condessa. Janta-se dentro de uma hora e

não é preciso se aprontar. Se o senhor professor tiver ordens a me dar, aí está o sinete.

Ele se retirou fazendo-me uma grande reverência.

Os aposentos eram vastos, bem mobiliados, ornados com vidrarias e douraduras. De um dos lados, davam vista para um jardim ou talvez um parque do castelo; de outro, para o grande pátio de honra. Apesar do aviso “não é preciso se aprontar”, achei melhor retirar minha casaca preta da mala.

Estava em mangas de camisa, ocupado em desfazer minha pequena bagagem, quando um barulho de carruagem me atraiu até a janela que dava para o pátio. Uma bela caleça acabava de entrar.

Ela trazia uma mulher de preto, um senhor e uma mulher vestida como as camponesas lituanas, mas esta última tão alta e tão forte que, de início, fiquei tentado a achar que fosse um homem disfarçado. Ela foi a primeira a descer. Duas outras mulheres, não menos robustas na aparência, já estavam na escadaria. O senhor se inclinou para a dama de preto e, para minha grande surpresa, desprendeu um grande cinto de couro que a prendia em seu lugar na caleça. Observei que aquela dama tinha longos cabelos brancos muito desordenados, e que os olhos, enormes e abertos, pareciam inanimados: dir-se-ia uma figura de cera. Após tê-la desprendido, seu companheiro lhe dirigiu a palavra tirando o chapéu com muito respeito, porém, ela não pareceu dar a mínima atenção àquilo. Então, ele se virou para as serviçais, fazendo-lhes um ligeiro sinal com a cabeça. Imediatamente,



as três mulheres apanharam a dama de preto e, apesar dos esforços daquela para se agarrar à caleça, elas a levantaram como se fosse uma pluma e a colocaram dentro do castelo.

Aquela cena teve por testemunhas vários serviçais da casa, que pareciam não verem nada de estranho naquilo.

O homem que tinha dirigido a operação retirou o relógio do bolso e perguntou se iam jantar logo.

– Dentro de um quarto de hora, senhor doutor. – responderam-lhe.

Não me custou adivinhar que eu estava vendo o doutor Froeber, e que a dama de preto era a condessa. Com aquela idade, concluí que era a mãe do conde Szémioth, e as precauções tomadas para com ela evidenciavam bastante que seu juízo estava alterado.

Instantes depois, o próprio doutor entrou em meus aposentos.

– Como o conde não está se sentindo bem – disse-me ele. –, sou obrigado a apresentar a mim mesmo ao senhor, professor. Sou o doutor Froeber, à sua disposição. Estou encantado em conhecer um sábio cujos méritos são conhecidos por todos os que leem a *Gazeta Científica e Literária* de Koenigsberg. O que acha de já nos servirem o jantar?

Respondi de maneira muito cordial aos seus cumprimentos e disse-lhe que, se era hora de colocar-se à mesa, já estava pronto para acompanhá-lo.

Assim que entramos na sala de jantar, um mordomo nos apresentou, segundo o costume do norte, uma bandeja de

prata repleta de licores e algumas entradas salgadas e fortemente temperadas, próprias para estimularem o apetite.

– Permita-me, senhor professor – disse-me o doutor. –, que lhe recomende, em minha qualidade de médico, um cálice dessa *starka*¹², verdadeira aguardente de Cognac, após quarenta anos em barril. É a mãe das aguardentes. Experimente uma anchova de Drontheim¹³. Nada é mais adequado para abrir o apetite e preparar o tubo digestivo, órgão dos mais importantes... E agora, à mesa! Por que não falamos alemão? O senhor é de Koenigsberg, eu sou de Memel, mas fiz meus estudos em Iena. Dessa forma, ficaremos mais à vontade, pois os criados, que sabem apenas polonês e russo, não nos entenderão.

De início, comemos em silêncio. Depois, após ter tomado uma primeira taça de vinho da Madeira, perguntei ao doutor se o conde frequentemente se via incomodado pela indisposição que nos privou de sua presença naquele dia.

– Sim e não. – respondeu-me. – Depende das excursões que faz.

– Como assim?

– Quando toma a estrada de Raseiniai¹⁴, por exemplo, ele sempre volta com enxaqueca e com o humor feroz.

– Eu já fui pessoalmente a Raseiniai sem que me acontecesse algo assim.

12. Espécie de vodca feita de centeio, muito tradicional na Lituânia e na Polônia.

13. Nome alemão para Trondheim, cidade do centro da Noruega.

14. Cidade da Lituânia a sudeste da Samogícia.

– Isso se deve, professor – respondeu-me rindo. –, ao fato de o senhor não estar apaixonado.

Suspirei pensando na senhorita Gertrude Weber.

– Então é em Raseiniai – disse eu. – que mora a noiva do senhor conde?

– Sim, nos arredores. Noiva?... Sobre isso, não sei. Uma verdadeira coquete, isso é o que ela é! Ainda o fará perder a cabeça, como aconteceu com a mãe dele.

– De fato, parece que a senhora condessa está... doente?

– Ela é louca, meu caro senhor, louca! E o maior louco sou eu por ter vindo aqui!

– Esperemos que seus bons cuidados lhe devolvam a saúde.

O doutor sacudiu a cabeça examinando com atenção a cor de uma taça de vinho de Bordeaux que segurava na mão.

– Tal como me vê, senhor professor, eu era cirurgião-chefe no regimento de Kaluga¹⁵. Em Sebastopol¹⁶, só fazíamos cortar braços e pernas da manhã até a noite. E não menciono as bombas que caíam sobre nós como moscas sobre um cavalo escorchado. Bem, ainda que mal alojado e mal alimentado, como eu vivia então, não me entediava como aqui, onde como e bebo do melhor, onde sou hospedado como um príncipe e sou pago como um médico

15. Cidade da Rússia.

16. Cidade autônoma administrada pela Federação Russa, mas reconhecida, pela maioria da comunidade internacional e pelos membros da ONU, como pertencente à Ucrânia. Está localizada na região da Crimeia.

de corte... Mas a liberdade, meu caro senhor!... Observe que, com aquela diaba, não se consegue ter um momento sequer para si mesmo!

– Já faz muito tempo que ela foi confiada à sua experiência?

– Menos de dois anos. Mas já faz vinte e sete, mais ou menos, que está louca. Não lhe contaram isso em Raseiniai ou Kowno? Escute então, pois é um caso sobre o qual algum dia quero escrever um artigo no *Jornal Médico de São Petesburgo*. Ela enlouqueceu de medo...

– De medo? Como isso é possível?

– De um medo que ela passou. Ela é da família dos Keystut¹⁷... Oh! Nesta casa, não se fazem casamentos desiguais. Quanto a nós, descendentes de Gediminas¹⁸... Então, professor, três dias... ou dois após o casamento dela, que aconteceu neste mesmo castelo em que jantamos – à sua saúde!, professor –, o conde, pai deste que aqui mora, saiu para caçar. Nossas damas lituanas são amazonas, como o senhor sabe. A condessa também foi à caça... Ela ficou para trás ou passou adiante dos monteiros¹⁹... não sei mais. Bem, de repente o conde viu chegar em dispa-

17. Irmão do grão-duque do reino da Lituânia. Como ele, também é considerado um herói dos séculos XIII e XIV. Em lituano, grafa-se *Késtitis*.

18. Grão-duque do reino da Lituânia no século XIV. Aumentou consideravelmente suas terras e estabeleceu alianças históricas. Em alemão, escreve-se *Gedymín*.

19. No original, *veneurs*, aqueles que atizam a caça para que ela saia da toca e seja encurralada.

da o pequeno cossaco²⁰ da condessa, menino de doze ou quatorze anos.

“– Mestre, – disse ele. – um urso está levando a senhora!”

“– Onde está acontecendo isso? – perguntou o conde.”

“– Por ali. – disse o pequeno cossaco.”

Todos os que estavam na caça correram para o lugar indicado, mas nada da condessa! Seu cavalo estava de um lado, estrangulado, e de outro, a sua peliça estraçalhada. Procuraram por todos os cantos do bosque.

Por fim, um encarregado gritou: “Ali está o urso!”.

De fato, o urso estava atravessando uma clareira, sempre arrastando a condessa, sem dúvida para devorá-la quando bem entendesse em algum arbusto, pois esses animais são gulosos. Eles adoram, como os monges, jantar tranquilamente.

Casado há dois dias, o conde era muito cavalheiresco e queria se jogar sobre o urso com a faca de caça em punho. Porém, meu caro senhor, um urso da Lituânia não se deixa ser esfaqueado como um cervo. Por sorte, o porta-arcabuz do conde, um sujeito bem imprestável, naquele dia bêbado de maneira a não poder distinguir um coelho de um cabrito-montês, atirou com sua carabina a mais de cem passos, sem ter o cuidado de saber se a bala acertaria a fera ou a mulher...

– E ele matou o urso?

20. Cossaco é um povo nativo das estepes do sudeste da Europa – especialmente Ucrânia e sul da Rússia – que, mais tarde, se fixou no interior da Rússia asiática.

– No mesmo instante. Para esse tipo de tiro, só mesmo os beberões. E também existem as balas predestinadas, senhor professor. Aqui temos feiticeiros que as vendem por um bom preço... A condessa estava muito arranhada, inconsciente, sem mencionar que tinha quebrado uma perna. Ela foi salva, mas, quando voltou a si, havia perdido a razão. Foi levada a São Petesburgo. Uma grande consulta com quatro médicos paramentados com todas as ordens. Eles disseram: “A senhora condessa está grávida e é provável que seu parto venha a determinar uma crise favorável. Levem-na para um lugar com ar puro, no campo, com soro de leite e codeína”. Cada um recebeu cem rublos. Nove meses mais tarde, a condessa deu à luz um menino bem constituído. Mas a crise favorável? Que nada! Redobramento da fúria. O conde lhe mostrou seu filho. Isso sempre tem efeito... nos romances.

“– Matem-na! Matem a fera!” – ela gritava. Por pouco, não torceu o pescoço do filho. Desde então, ela se alterna entre loucura estúpida e mania furiosa. Forte propensão ao suicídio. É preciso que ela seja amarrada para que saia para tomar ar. São necessárias três serviçais vigorosas para a segurarem. Entretanto, senhor professor, queira observar o seguinte fato: quando eu esgotei meu latim com ela sem ser obedecido, encontrei uma forma de acalmá-la. Ameacei-a de lhe cortar os cabelos. Penso que, no passado, ela tenha tido cabelos lindos. A coquetaria, eis o último sentimento humano que nela habita.

Não é engraçado? Se eu pudesse tratá-la como gostaria, talvez a curasse.

– De que forma?

– Dando-lhe uma surra. Curei cerca de vinte camponesas em um vilarejo onde havia sido declarada essa furiosa loucura russa, o uivo²¹. Uma mulher começa a uivar, sua comadre uiva. No decorrer de três dias, todo um vilarejo urra. Consegui derrotá-las à força de espancá-las. Pegue uma perdiz, elas estão macias. O conde jamais quis que eu tentasse.

– Como? O senhor queria que ele consentisse com seu tratamento abominável?

– Oh! Ele conheceu tão pouco de sua mãe e, além do mais, é pelo bem dela. Mas, diga-me, senhor professor, o senhor não crê que o medo pode fazer alguém perder a razão?

– A situação da condessa era pavorosa... Encontrar-se nas garras de um animal tão feroz!

– Pois o filho não é parecido com ela. Faz menos de um ano que ele se viu na mesma situação e, graças ao seu sangue frio, saiu-se maravilhosamente daquilo.

– Das garras de um urso?

– De uma ursa, e a maior que por muito tempo não se via. O conde quis atacá-la com a lança de caça que tinha à mão. Mas, de um golpe, ela jogou a lança para o lado. E agarrou o

21. Em russo, uma possessa “uivadora” é uma *klikucha*, de *klik*, “uivo”. Pensava-se poder acalmar esse tipo de comportamento histérico com a visão do Santíssimo Sacramento ou com a bênção de um padre.

conde e o jogou por terra tão facilmente quanto eu derrubaria essa garrafa. Ele, esperto, fingiu-se de morto... A urso o cheirou, cheirou... depois, em vez de despedaçá-lo, deu-lhe uma lambida no rosto. Ele teve a presença de espírito de não se mexer e ela continuou seu caminho.

– A urso pensou que ele estava morto. De fato, ouvi dizer que esses animais não comem cadáveres.

– Tem-se de acreditar nisso e abster-se de fazer uma experiência pessoal. Mas, a propósito do medo, deixe-me lhe contar uma história de Sebastopol. Nós éramos cinco ou seis ao redor de um jarro de cerveja que acabavam de nos trazer por detrás da ambulância do famoso bastião número cinco. A sentinela gritou: “uma bomba!”. Atiramo-nos com a barriga no chão. Não, nem todos: um certo... Mas é inútil dizer seu nome... Um jovem oficial que acabava de chegar ficou de pé, segurando seu copo cheio, até o momento em que a bomba explodiu. Ela arrancou a cabeça de meu pobre camarada André Speranski, um bravo rapaz, e quebrou o jarro. Felizmente, ele estava quase vazio. Quando nos levantamos após a explosão, vimos, no meio da fumaça, nosso amigo dando o último gole em sua cerveja, como se nada tivesse acontecido. Nós o tivemos por um herói. No dia seguinte, encontrei o capitão Ghedeonof, que teve alta do hospital. Ele me disse: “Vou jantar com vocês hoje e, para celebrar meu retorno, pago o champanhe”. Nós nos colocamos à mesa. O jovem oficial da cerveja estava conosco. Ele não aguentava esperar o champanhe. Desarrolhamos

uma garrafa perto dele e... Paf! A rolha atingiu sua tampo-
ra. Ele soltou um grito e se sentiu mal. Acredite que meu
herói teve, pela primeira vez, um medo terrível. E, se tives-
se bebido sua cerveja em vez de ficar parado, poderia ter
perdido a cabeça e não lhe teria restado mais do que um
movimento maquinal do qual ele não teria consciência. É
assim, professor, a máquina humana...

– Senhor doutor – disse um criado entrando na sala. –, a
Jdanova diz que a senhora condessa não quer comer.

– Que o diabo a carregue! – resmungou o médico. – Vou
até lá. Quando fizer minha diaba comer, senhor professor,
poderíamos, se for do seu agrado, jogar uma partida à sua
escolha ou *douratchki*²²?

Apresentei-lhe desculpas por minha ignorância e, depois
que ele foi ver a enferma, fui para meus aposentos e escrevi
à senhorita Gertrude.

22. Jogo de cartas semelhante a um jogo de batalha.

Lokis é uma pérola gótica de Prosper Mérimée (1803-1870) que não pode ser esquecida. Sua história instigante nos transporta aos pântanos gelados da Lituânia, e vamos bem guiados pelas mãos do exímio linguista, professor Wittembach. O século dezenove foi marcado por descobertas científicas primorosas e debates filosóficos substanciosos, mas também pela presença dos devaneios românticos e por narrativas macabras que muito estimularam as mentes dos leitores – época em que um novo mundo se descortinava ante as tradições e as crendices do continente europeu. Neste livro você encontrará, para além das referências à linguística, o tom burlesco de uma estranha medicina e de uma não pior diagnose psiquiátrica. Além da novela original de Mérimée, traduzida diretamente do francês por Adriano Messias, você encontrará uma sua continuação – também de autoria de Messias: trata-se de uma segunda vida que o monstro meio homem, meio urso mereceu ganhar, vindo assim a habitar duplamente as páginas pelas quais o leitor viverá sua própria aventura.



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Lokis e O ursosomem

Adriano Messias, Prosper Mérimée

ISBN: 9788521223498

Páginas: 128

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
